

PROFESSORA ADELAIDE MATTANA VILLA
(in memoriam)

MATTANA ADELAIDE VILLA
(Curitiba 1-11-1906 / Curitiba 23-6-1986)

O ensino e as Letras no Paraná estão de luto. Morreu a Professora Adelaide.

Algumas gerações e centenas de estudantes tiveram o feliz privilégio de serem seus alunos.

Jovem ainda, em 1925, inicia sua longa carreira no magistério, e passo a passo, com dedicação, dignidade e idealismo percorreu todos os níveis de ensino: jardim da infância, primário, secundário e superior.

Licenciada em Letras Clássicas em 1949, iniciou o magistério superior em 1951 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná, como Assistente de Ensino de Didática Especial de Letras Clássicas e de Letras Neolatinas.

Em 1954 passou também a Instrutora de Língua Portuguesa, cadeira em que se aposentou em 1973, como Professora Assistente.

Assim, pelos caminhos naturais do tempo, no esforço de cada dia, Adelaide Mattana Villa foi juntando o mérito da devoção ao ensino, que lhe valeu a admiração e o respeito de seus companheiros de trabalho.

Em sua poesia registra o carinho pelos alunos:

“Ao fim da jornada quantos chegarão
resistindo aos tropeços dos caminhos?
Pudesse
ampará-los e preservá-los
da derrocada e da desilusão...”

Durante muitos anos ocultou seu rico dom poético, mas em 1971

Subitamente
romperam-se as comportas ciosamente vigiadas
impedindo-me guardar
por mais tempo
as revelações.

.....
Já senhora não sou
de tantas emoções.
Ei-las libertas, vertidas.

Começa a publicação das obras poéticas: *Subitamente* (1971), *Algemas Cintilantes* (1980), *Cantares* (1982), *Voltar* (1984).

Em 1952, para o Concurso à Docência Livre de Língua Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná, apresentou a tese *Ensaio de Onomínia*, e em 1982 publicou seu trabalho de pesquisas lingüísticas *Do gesto à palavra*.

Fazia parte do Centro de Letras do Paraná e da Academia Paranaense Feminina de Letras.

Perda irreparável de seus familiares e amigos, a 23 de junho seu

“... ser transfigurado
pela cruz é levado
do caos à perfeição
das trevas à luz
da terra ao céu
do nada a Jesus”.

Com o direito que as corporações consuetudinariamente conferem aos que vão sendo os mais velhos, queremos em nome dos amigos e ex-discípulos lhe prestar homenagem.

Que nossos pensamentos se elevem à lembrança de Adelaide Mattana Villa e evoquem sua jovialidade, sua experiência e seu espírito fraterno.

A ilustre mestra nossa gratidão e reverente admiração.

Cleusa César de Paula

LEVAM O AMANHECER

(Dedicado à memória de Adelaide M. Villa)

Partem.
E levam consigo
a memória
de nosso amanhecer.
A quem dirigir
a pergunta mágica:
Lembra-se?
Quem,
entre os jovens
acreditará
que fomos jovens também?

Helena Kolody

ALGUÉM ESTARÁ ESCREVENDO

Para Adelaide Mattana Villa.

Alguém estará certamente escrevendo
um poema à mestra que outrora
cuidou das crianças,
que às crianças ensinou a palavra e o gesto
a dança e os **Cantares**
e hoje calou para sempre.
Alguém,
à senhora do jardim obstinado no coração de asfalto
da cidade,
(e as rosas não estarão no cristalino cálice sobre a lareira,
Algemas cintilantes de sua mão).
Alguém àquela que semeou versos pela vida
àquela que colheu poemas como frutos mágicos
e **Subitamente**
partiu.
Alguém, à dama que acalentou pela existência
suas ingenuidades infantis
seus sonhos de menina
e intactos e puros conduziu-os
até a morada final
onde (todos viram!)
brandamente pousaram
na última rosa vermelha
da roseira que abraça
seu túmulo ancestral.

Curitiba, 24 de junho de 1986.

Miguelina Soifer